Prefeitura de Vinhedo-SP

VINHEDO-SP

Inspetor de Alunos

NV-023AB 20

NOVA CONCURSOS

Cód.: 9088121443457

Todos os direitos autorais desta obra são protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/12/1998.
Proibida a reprodução, total ou parcialmente, sem autorização prévia expressa por escrito da editora e do autor. Se você conhece algum caso de "pirataria" de nossos materiais, denuncie pelo sac@novaconcursos.com.br.

OBRA

Prefeitura Municipal de Vinhedo-SP

Inspetor de Alunos

Concurso Público 01/2020

AUTORES

Língua Portuguesa - Profª Zenaide Auxiliadora Pachegas Branco
Matemática e Raciocínio Lógico - Profº Bruno Chieregatti e Joao de Sá Brasil
Atualidades - Profª Roberta Amorim
Noções de Informática - Profº Ovidio Lopes da Cruz Netto
Conhecimentos Específicos - Profª Ana Maria B. Quiqueto

PRODUÇÃO EDITORIAL/REVISÃO

Aline Mesquita
Josiane Sarto

DIAGRAMAÇÃO

Dayverson Ramon

CAPA

Joel Ferreira dos Santos

Edição ABR/2020

NOVA CONCURSOS
www.novaconcursos.com.br
sac@novaconcursos.com.br

SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA

Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários). 01
Sinônimos e antônimos. 08
Sentido próprio e figurado das palavras. 12
Pontuação. 17
Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem. 20
Concordância verbal e nominal. 59
Regência verbal e nominal. 67
Colocação pronominal. 74
Crase. 74
Processo de formação das palavras. 78
Coesão. 80
Ortografia. 85

MATEMÁTICA E RACIOCÍNIO LÓGICO

Operações com Números Reais 01
Mínimo Múltiplo Comum e Máximo Divisor Comum 02
Razão e Proporção 04
Porcentagem 10
Regra de Três Simples e Composta 12
Média Aritmética Simples e Ponderada 15
Juro Simples 22
Sistema de Equações do 1º grau 23
Relação Entre Grandezas: Tabelas e Gráficos 28
Sistemas de Medidas Usuais 38
Noções de Geometria: forma, perímetro, área, volume, ângulo, teorema de Pitágoras 43
Resolução de Situações-Problema; Estrutura Lógica das Relações Arbitrárias Entre Pessoas, Lugares, Coisas, Eventos Fictícios; Dedução de Novas Informações das Relações Fornecidas e Avaliação das Condições Usadas para Estabelecer a Estrutura Daquelas Relações 53
Identificação de Regularidades de uma Sequência, Numérica ou Figural, de Modo a Indicar qual é o Elemento de uma dada posição 65
Estruturas Lógicas, Lógicas de argumentação, Diagramas lógicos, Sequências 68

SUMÁRIO

ATUALIDADES

Questões relacionadas a fatos políticos, econômicos, sociais, culturais, científicos, ambientais, de âmbito nacional e internacional, ocorridos a partir do segundo semestre do ano de 2018, divulgados na mídia nacional 01

NOÇÕES DE INFORMÁTICA

MS-Windows 7: Conceito de Pastas, Diretórios, Arquivos e Atalhos, Área de Trabalho, Área de Transferência, Manipulação de Arquivos e Pastas, Uso dos Menus, Programas e Aplicativos, Interação com o Conjunto de Aplicativos MS-Office 2010 01

MS-Word 2010: Estrutura básica dos documentos, Edição e formatação de textos, Cabeçalhos, Parágrafos, Fontes, Colunas, Marcadores simbólicos e numéricos, Tabelas, Impressão, Controle de quebras e numeração de páginas, Legendas, Índices, Inserção de objetos, Campos predefinidos, Caixas de texto 18

MS-Excel 2010: Estrutura básica das planilhas, Conceitos de células, Linhas, Colunas, Pastas e gráficos, Elaboração de tabelas e gráficos, Uso de fórmulas, Funções e macros, Impressão, Inserção de objetos, Campos predefinidos, Controle de quebras e numeração de páginas, Obtenção de dados externos, Classificação de dados 61

MS-PowerPoint 2010: Estrutura básica das apresentações, Conceitos de slides, Anotações, Régua, Guias, Cabeçalhos e rodapés, Noções de edição e formatação de apresentações, Inserção de objetos, Numeração de páginas, Botões de ação, Animação e transição entre slides 99

Correio Eletrônico: Uso de correio eletrônico, Preparo e envio de mensagens, Anexação de arquivos 107

Internet: Navegação internet, Conceitos de URL, Links, Sites, Busca e Impressão de páginas 111

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Controle da movimentação dos alunos 01

Observação de sua conduta: Manutenção da ordem e da observância das normas da escola 06

Atendimento de alunos em caso de necessidade 10

Lei Federal nº 8.069, de 13/07/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (atualizado até a Lei Federal n. 13.046/2014): Artigos 1º ao 6º; 13; 15 a 18; 53 a 59; 131 a 135 13

Regras básicas de comportamento profissional para o trato diário com o público interno, externo e colegas de trabalho; Relações interpessoais e ética no serviço público 18

Diretrizes e orientações às Unidades Escolares da Rede Municipal quanto às questões de saúde no espaço escolar 55

Noções de Primeiros socorros: Fraturas, Hemorragias, Queimaduras, Desmaios, Convulsões e Ferimentos 56

Noções de educação inclusiva 62

ÍNDICE

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Controle da movimentação dos alunos 01
Observação de sua conduta: Manutenção da ordem e da observância das normas da escola 06
Atendimento de alunos em caso de necessidade 10
Lei Federal nº 8.069, de 13/07/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (atualizado até a Lei Federal n. 13.046/2014): Artigos 1º ao 6º; 13; 15 a 18; 53 a 59; 131 a 135 13
Regras básicas de comportamento profissional para o trato diário com o público interno, externo e colegas de trabalho; Relações interpessoais e ética no serviço público 18
Diretrizes e orientações às Unidades Escolares da Rede Municipal quanto às questões de saúde no espaço escolar 55
Noções de Primeiros socorros: Fraturas, Hemorragias, Queimaduras, Desmaios, Convulsões e Ferimentos 56
Noções de educação inclusiva 62

CONTROLE DA MOVIMENTAÇÃO DOS ALUNOS

CONTROLE DA MOVIMENTAÇÃO DOS ALUNOS.

Disciplina e Controle na Escola

A popularização da Internet, associada à recente difusão de tecnologias de conexão sem fio, inaugura, na aurora do século XXI, conforme Lemos (2004), uma era de conexão. Cada vez mais, somos envolvidos num ambiente de conexão generalizada por meio de processamentos contínuos, ultra velozes e rizomáticos, nas mais variadas condições de realidade e distância, no exato momento em que os eventos ocorrem. Essa conjuntura, sob muitos aspectos, foi sinalizada por Gilles Deleuze (1992) no pequeno artigo "*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle", onde ressalta que desde o término da Segunda Guerra Mundial está acontecendo a implantação progressiva e dispersa de uma nova forma de poder e dominação. Desde então, segundo o autor, estamos entrando em sociedades que não funcionam mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea, e que operam por meio de computadores.

A progressiva convergência das tecnologias eletrônico-digitais, viabilizada pela crescente miniaturização e o aumento paralelo da capacidade e velocidade de processamento, promove aquilo que se denomina computação ubíqua, em que o computador incorpora-se aos objetos do cotidiano, de modo que mobilidade e portabilidade passam a ser indicadores de inovação em computação.

FIQUE ATENTO!

Atualmente, praticamente todas as formas de processamento da informação, inclusive as telecomunicações, são fornecidas em formato digital, e estão, cada vez mais, integradas na mesma rede planetária operada por computadores. Essa tendência para uma computação onipresente e acoplada aos corpos marca a emergência de uma sociedade hiperconectada em que se deve, constantemente, estar conectado ao fluxo contínuo e global de informações digitalizadas, onde "consumir informação" e "tornar-se informação consumível" geram situações e experiências que são quase sempre tidas como desejáveis ou, até mesmo, necessárias. Essas situações funcionam tanto como elementos de controle e distinção social, quanto como poderosos dispositivos de subjetivação.

Um espaço eletrônico-digital rizomático de fluxos informacionais torna-se uma nova espécie de habitat para o ser humano. Bits, bytes, mega (bits, bytes, hertz), giga (bits, bytes, hertz), entre tantas outras medidas de informação digital, passam a definir o nosso potencial de ocupação desse espaço.

Passamos a viver, cada vez mais, *on line*. A hora da conexão é qualquer hora; o lugar da conexão é qualquer lugar. Graças à proliferação das possibilidades de conexão em tempo real, multiplicam-se as posições de sujeito, agora ocupadas por indivíduos flexíveis, cujas subjetividades geram-se e renovam-se em inúmeras e transitórias conexões (*nós* flexíveis). Troca-se progressivamente o modo de submissão "olho-no-olho", "cara-a-cara", *"tète-à-tète"* por uma forma de submissão eletrônica independente dos lugares. Essa mudança de ênfase nos modos de subjetivação tem articulação imediata com a escola, tendo em vista que essa instituição ainda permanece bastante referenciada nos procedimentos disciplinares e envolvida na produção de indivíduos dóceis. Os procedimentos do controle, porém, assentados na instantaneidade e reversibilidade dos fluxos informacionais nas redes eletrônico-digitais rizomáticas, investem, muito particularmente, sobre os espaços institucionais-disciplinares. Dessa forma, as práticas do controle entrechocam-se com as práticas disciplinares escolares, acarretando um desencaixe das práticas operadas na duração de um quadriculamento entre quatro paredes com aquelas exercidas através de múltiplas e variadas distâncias espaciais em tempo real (GIDDENS, 1991). Em decorrência disso, conforme Veiga-Neto (2008), a ênfase na estrutura hierárquica, centralizada, estável e arborescente da disciplinar escolar —seja no eixo do corpo, seja no eixo dos saberes— desloca-se, agora, em favor de práticas escolares mais flexíveis, descentralizadas, cambiantes e rizomáticas.

Nas instituições disciplinares, de acordo com Foucault (1996), os indivíduos são fixados em distintos espaços de confinamento e são por eles formados independentemente. A inscrição geográfica local é um meio de exercício do poder. A crise das instituições constituídas na Modernidade como a escola, por exemplo, significa, na realidade, uma mudança de ênfase das práticas disciplinares de confinamento, enquadramento e vigilância para práticas do controle, centradas no movimento instantâneo, aleatório e reversível dos fluxos informacionais nas redes eletrônico-digitais planetárias. A produção da subjetividade passa, então, de formas determinadas, rígidas e centralizadas para uma multiplicidade difusa, aleatória e flexível de geração de subjetividades.

O telefone celular representa, atualmente, um dos principais ícones do "estar conectado em rede", pois associa portabilidade e mobilidade a um enorme potencial de inclusão digital. Seu usuário representa um ponto permanente de conexão com outros usuários e com informações que gravitam ao seu redor. Os celulares estão cada vez mais presentes na paisagem urbana. No Brasil, a teledensidade —indicador utilizado internacionalmente para demonstrar o número de telefones em serviço para cada grupo de 100 habitantes— alcançou o índice de 64,50 em janeiro de 2008, conforme dados da Anatel. O já consagrado potencial de inclusão digital dos telefones celulares passará, ainda, por uma super revigoração. O casamento da telefonia móvel com a Internet de banda

larga, a partir do advento e expansão da tecnologia 3G, fará do celular um *mix* de diferentes elementos de mídia, incluindo voz, vídeo, som, cor, imagens e animação. O telefone celular 3G significa a possibilidade de acesso à Internet de banda larga na palma da mão, com a mesma velocidade e desempenho dos poderosos microcomputadores instalados em casa ou no trabalho. Esse pequeno computador tem capacidade e velocidade de processamento muitíssimas vezes superior ao primeiro computador programável que ocupava uma área de 180 metros quadrados. Por aí, pode-se vislumbrar que está em curso acelerado, conforme ressalta Castells (2007), uma verdadeira revolução da tecnologia da informação.

Sugere-se que alguns comportamentos renitentes dos alunos como o uso e a exibição de telefones celulares na sala de aula —atitude geralmente qualificada como indisciplinar— sejam entendidos como manifestação de uma nova forma de subjetivação, acalentada, muito especialmente, pela larga difusão das tecnologias eletrônico-digitais portáteis de conexão sem fio. Dessa forma, tais comportamentos não devem ser entendidos simplesmente como atos indisciplinares ou resistências frente aos professores ou à escola, mas, sim, como o exercício dessa nova forma de subjetivação e controle social. Apesar do uso do telefone celular na sala de aula ter restrição na maioria das escolas, é cada vez maior o número de alunos que portam e exibem esses aparelhos, cada vez menores e mais sofisticados, como uma extensão dos seus corpos. Moraes apresenta um relato significativo dessa "estreita" relação:

Enquanto o professor fazia sua exposição, ouviam-se toques de telefones celulares. Incomodado, o professor recolheu todos os telefones celulares numa determinada fileira de classes, de onde provavelmente os sons estavam sendo emitidos. Na fila, havia sete alunos. O professor recolheu sete aparelhos e os entregou à Coordenação. No final do turno, os alunos compareceram à Coordenação, bastante ansiosos, beirando à impaciência. Após serem advertidos e orientados, os aparelhos foram devolvidos aos alunos. Uma aluna, quando pegou o seu aparelho, beijou-o, fitou-o e disse: — *Meu celular querido. Ai, que saudade!* (MORAES)

A teimosia, quase natural, do alunado em utilizar telefones celulares na sala de aula e arredores, aponta, antes, para a manifestação de uma subjetividade flexível, constituída nos *nós* flexíveis e efêmeros das redes eletrônico-digitais rizomáticas. Essa subjetividade tem que ser competente e hábil para operar na oposição "consumir informação/tornar-se informação consumível", em qualquer hora e em qualquer lugar. Os usuários dessas tecnologias, assim, territorializam *nós* flexíveis, despreocupadamente, e cooperam para a necessária expansão e manutenção da infraestrutura do espaço eletrônico-digital de fluxos informacionais. Dessa forma, contribuem, sem culpa, para a concentração geopolítica do poder em economias informacionais, balizadas pelo nível e pela qualidade de ocupação do espaço eletrônico-digital planetário.

Com base na perspectiva de que a história é a humanidade avançando de uma dominação para outra (DREYFUS & RABINOW, 1995), pretende-se descrever os procedimentos do controle, tendo por referência a magistral descrição de Foucault (2002) acerca dos procedimentos da disciplina, principalmente em *Vigiar e Punir*, para verificar, mais refinadamente, a articulação dos procedimentos do controle com a escola. A partir das estratégias de utilização do espaço, do tempo e do corpo da disciplina, bem como de suas operações, procura-se caracterizar as estratégias e as operações do controle. Tem-se o propósito de identificar pontos mínimos de simetria entre disciplina e controle, para poder reconhecer, com maior clareza, pontos de assimetria, e dessa forma delinear mais seguramente os procedimentos do controle. O quadro

"Procedimentos de poder" representa o esforço envidado no sentido de uma caracterização dos procedimentos do controle a partir dos procedimentos da disciplina.

Quadro 1: Procedimentos de poder

	DISCIPLINA	CONTROLE
Estratégias espaço temporais	Confinamento e distribuição espacial Capitalização do tempo e controle da atividade	Conexão e dispersão espacial Tempo real e controle de fluxos informacionais
Operações	Vigilância hierárquica Sanção normalizadora Exame	Controle rizomático Imperativo da conexão Perfil informático
Figura arquitetural	Panóptico (poucos vigiam muitos *in loco*)	Corpo-Rede (muitos controlam muitos *on line*)
Produção	Corpo dócil-exercitado	Corpo-digital flexível

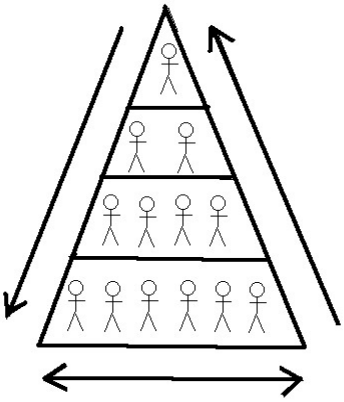
Fonte: Moraes (2008: 30)

Para a estratégia espaço-temporal da disciplina: "confinamento e distribuição espacial", tem-se no controle: "conexão e dispersão espacial". **O confinamento territorial é a principal estratégia da disciplina.** A disciplina concentra os corpos num espaço fechado, fixa-os e submete-os a um quadriculamento, destinando cada indivíduo a um lugar e a cada lugar um indivíduo. Os procedimentos do controle, concentrando-se no espaço de fluxos informacionais das redes eletrônico-digitais rizomáticas, desconsideram as fronteiras e conspiram para a abolição da distinção do dentro e do fora, do público e do privado. O controle rizomático menospreza os confinamentos disciplinares; as posições

geográficas perdem sua relevância. Não existem pontos fixos e posições, somente *nós* flexíveis e linhas mutantes, dispersas e aleatórias. Ao se "consumir informação" territorializam-se *nós* flexíveis que estabilizam linhas de segmentaridade. No mesmo instante, ao "tornar-se informação consumível" constituem-se linhas de fuga e desterritorialização que irão transmutar-se em linhas de segmentaridade, quando reterritorializadas em quaisquer outros lugares do planeta. Os espaços disciplinares centralizadores e hierárquicos operam uma segmentaridade linear onde cada segmento representa um episódio com limites bem definidos (Deleuze & Guattari, 1996). Os múltiplos *nós* flexíveis, viabilizados pela integração planetária, em tempo real, nas redes eletrônico-digitais rizomáticas, proporciona uma segmentaridade flexível, em que há uma múltipla e flexível comunicabilidade entre heterogêneos, tornando-se impossível traçar limites e fixar contornos.

Para a estratégia espaço-temporal da disciplina: "capitalização do tempo e controle da atividade", tem-se no controle: "o tempo real e o controle de fluxos informacionais". A disciplina confina os corpos, organiza-os no espaço e os distribui no tempo. A disciplina atua *in loco*. O tempo é linear e progressivo: "passado-presente-futuro". O universo ultra-veloz dos fluxos informacionais nas redes eletrônico-digitais rizomáticas favorece um tipo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da sincronia dos tempos. A informação *on line*, diretamente acessível, reabsorve o espaço-tempo tradicional em proveito de uma organização em tempo real, cujas máximas são a velocidade, a flexibilidade e o fluxo contínuo de informações. O tempo do controle é o tempo real —o tempo da operação em andamento, comprimido num presente sempiterno. No regime do controle, o foco deslocará, então, da programação da atividade em distintos e sucessivos segmentos temporais para os fluxos contínuos de informações nas redes eletrônico-digitais rizomáticas. Os eventos de um determinado lugar, ou de lugares indeterminados, devem ter impacto imediato sobre pessoas e lugares situados em distâncias variáveis e aleatórias. Assim surgem, sempre mais, demandas de resultados de curto-curtíssimo prazo.

Figura 1: Vigilância hierárquica



Fonte: Moraes (2008: 60)

Para a operação da disciplina: "vigilância hierárquica" tem-se no controle o "controle rizomático". A vigilância hierárquica é um dos principais meios pelos quais os indivíduos são reunidos num espaço investido dos procedimentos da disciplina. A vigilância hierárquica é centralizante e verticalizante. Os indivíduos do segmento mais baixo, em maior número, são vigiados (olhados) pelos indivíduos do segmento imediatamente superior, em menor número, e assim progressivamente, até um ponto de acumulação —o olho central, que repassa todos os segmentos. Estabelece-se, assim, uma rede de vigilância de alto a baixo, mas também de baixo para cima e lateralmente. A vigilância disciplinar distribui os indivíduos em posições fixas, colocando-os num campo permanente de visibilidade, jogando na oposição do vigiar e ser vigiado, do ver e do ser visto, onde poucos vigiam/vêem muitos.

O controle rizomático é um dos principais meios pelos quais os indivíduos dispersos em distâncias variáveis são reunidos, ou percebidos, como *nós* flexíveis nas redes eletrônico-digitais rizomáticas. Esses *nós* flexíveis ressoam aleatoriamente e não convergem para um ponto centralfixo. Constituem-se na contínua oposição instantânea e reversível do "consumir informação" e "tornar-se informação consumível", independente das posições geográficas. Conforme definido por Deleuze & Guattari (1995), o rizoma rege-se pela conexão entre *nós* flexíveis. No rizoma, qualquer *nó* flexível pode ser ou estar conectado a qualquer outro *nó* flexível. O rizoma pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar, e retoma sua reprodução segundo uma ou outra de suas linhas. Possui múltiplas entradas, pode ser acessado de infinitos *nós* flexíveis, podendo daí remeter a quaisquer outros *nós* flexíveis. O controle rizomático, dessa forma, será flexível, expandir-se-á na horizontalidade e opor-se-á à rigidez das posições e à verticalidade da vigilância disciplinar-hierárquica. Os indivíduos, assim, devem ser todos intercambiáveis, e se definem "somente por um *estado* a tal momento". Nas redes

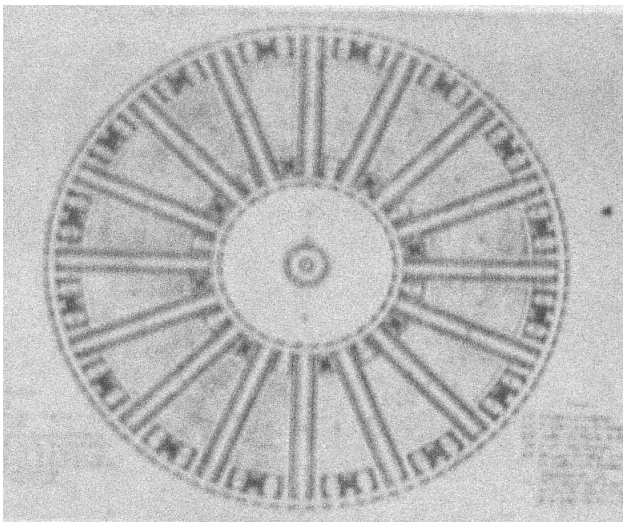
eletrônico-digitais rizomáticas de fluxos informacionais, cada *nó* flexível representa uma "ilha de informação" e pode incluir um indivíduo, um grupo, uma empresa e até mesmo um Estado. Pode representar muita ou pouca gente. Porém, os *nós* flexíveis territorializam-se somente se houverem "solos férteis para fixação", ou seja, ambientes favoráveis para conexão (*software* de interface e uma taxa de transferência de dados adequada, por exemplo).

Para a operação da disciplina: "sanção normalizadora", tem-se no controle o "imperativo da conexão". Na disciplina, a sanção normalizadora —a arte de punir— opera a partir da especificação dos aspectos mais detalhados do comportamento cotidiano expressos em regulamentos exaustivos. Através de um processo criterioso e permanente de vigilância, a sanção normalizadora, ao mesmo tempo em que permite isolar e agir sobre pequenas condutas, emprega formas sutis e singulares de punição aos comportamentos caracterizados como anormais em distintos espaços de confinamento e quadriculamento. A norma é uma medida, uma maneira de produzir uma medida comum, a partir do jogo das oposições entre o normal e o anormal. Os processos de normalização produzem mais do que constrangem. Ao individualizarem sempre, geram indivíduos num espaço disciplinar distinto e episódico. A sanção normalizadora também opera por um sistema de recompensas que permite classificar os comportamentos em adequados, merecedores de recompensa, ou em desviantes, merecedores de castigo. Esse procedimento permite a qualificação crescente das condutas e a consequente diferenciação e classificação dos indivíduos.

A interconexão planetária dos computadores em redes eletrônico-digitais rizomáticas tende a tornar-se a principal infraestrutura de produção, transação e gerenciamento econômicos na Contemporaneidade. Dessa forma, é imperativo estar conectado e em rede para, constantemente e instantaneamente, ora "consumir informação", ora "tornar-se informação consumível". O imperativo da conexão acarreta um desmantelamento de estruturas rígidas, centralizantes e hierárquicas. As práticas disciplinares, rotinizadas e burocratizadas, são preteridas em favor de práticas mais flexíveis, descentralizadas e rizomáticas. No caso da escola, esse processo reduz a rigidez de suas práticas, levando a um questionamento contínuo dos modelos verticais, centralizadores e unidirecionais, em favor da adoção de modelos horizontais, descentralizadores e multidirecionais que privilegiam a comunicação em relação à coerção. Essa nova configuração requer um indivíduo que seja flexível diante da multiplicidade de possibilidades para conexão. É imperativo que o indivíduo esteja apto para múltiplas escolhas (conexões). Tudo deve se interligar e se adaptar sem resistência. Na disciplina a norma é uma medida de diferenciação e classificação dos indivíduos na oposição entre o normal e o anormal; no controle a conexão é uma medida de diferenciação e classificação dos indivíduos na oposição conectado/não conectado, adaptado/não adaptado, apto/não apto.

Para a operação da disciplina: "exame", tem-se no controle o "perfil informático". Na sociedade da informação e controle, verifica-se um deslocamento do procedimento disciplinar do exame para a composição de perfis informáticos, de modo que a informação se torna componente estratégico de constituição e de controle dos indivíduos. O modelo disciplinar supõe uma co-presença dos vigilantes e dos vigiados num espaço homogêneo em seu interior e distinto de outros espaços, colocando-os num campo de vigilância e situando-os numa rede de anotações escritas, que os captam e os fixam em distintos episódios temporais. Com o auxílio de poderosos programas computacionais, interligados nas redes eletrônico-digitais planetárias, é possível compor perfis personalizados de corpos posicionados em distâncias variáveis e aleatórias, não circunscritas a espaços definidos, a partir do cruzamento de dados, comparações, seleções, agrupamentos, projeções, seja para conter, seja para incitar. Por esse dispositivo, é possível estabelecer um controle remoto dos corpos. Dessa forma, os corpos são controlados e controlam-se uns aos outros remotamente, tendo por espaço comum de operação o espaço de fluxos informacionais das redes eletrônico-digitais rizomáticas.

Figura 2: Polivalência do Panóptico B. Poyet, Projeto de hospital, 1786.

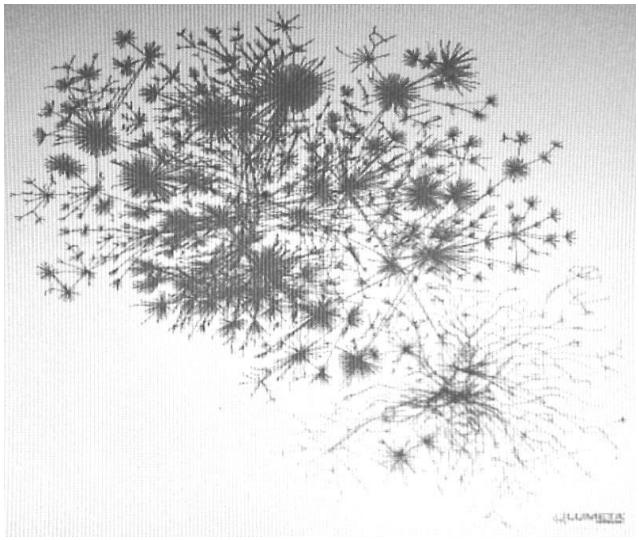


Fonte: Foucault (2002)

O Panóptico é a figura arquitetural da disciplina; é a expressão da arquitetura da vigilância, conforme Foucault (2002). Trata-se de uma torre no centro, de onde se pode observar a totalidade dos seus espaços, permitindo uma visibilidade permanente dos comportamentos, mesmo os mais simples e corriqueiros. Cada indivíduo pode ser vigiado permanentemente e tem consciência desse seu estado. Sua única certeza é a de que pode estar sendo vigiado a qualquer momento. Embora a vigilância possa não ocorrer a todo instante, ela é sentida permanentemente. O indivíduo, dessa forma, sentindo-se constantemente vigiado, aprende a vigiar a si mesmo e torna-se o seu próprio guardião. O Panóptico é um mecanismo de localização dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos uns em relação aos outros. É um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos. É o dispositivo polivalente da vigilância que estabiliza um

poder que se manifesta por um olhar centralizador, em que "poucos vigiam muitos". Poucos podem tudo ver, sem nunca serem vistos; e muitos podem ser vistos completamente, sem nada poder ver, exceto o símbolo dos poucos que vêem.

Figura 3: Rizoma Internet



Fonte: Cunha *apud* Moraes (2008: 80)

No regime da disciplina, os indivíduos passam por distintos espaços de confinamento e quadriculamento; deles saem de maneira linear, sendo por eles formados em distintos e progressivos episódios temporais. Esse processo implica sempre o recomeço do zero, quando do ingresso do indivíduo numa dada instituição, bem como uma quitação aparente quando do egresso dessa mesma instituição.

O controle não é linear; não tem início, nem fim, não tem centro, nem periferia, está sempre no meio. Como o rizoma, o controle não começa nem conclui; se encontra sempre no meio. No Panóptico, o vigilante vê todos os vigiados e os vigiados sabem que podem ser vistos permanentemente. Existe uma co-presença dos poucos vigilantes (ativos) e dos muitos vigiados (passivos) em distintos espaços de confinamento e quadriculamento, onde se sobrepõe a onipotência de um olhar de autoridade, hierárquico e centralizador. Na Internet, os indivíduos não estão em lugares, mas têm um endereço eletrônico aberto à conexão possível. Existem somente linhas que se ramificam em ultra velocidade e aleatoriamente em todas as direções. Ao se "consumir informação" territorializam-se *nós* flexíveis e estabilizam-se linhas de segmentaridade; ao "tornar-se informação consumível" firmam-se linhas de fuga e desterritorialização, que se transmutam em linhas de segmentaridade quando reterritorializadas em outros *nós* flexíveis. Conforme Baudrillard (1991), já não há o imperativo de submissão ao olhar; não há mais vigilância, apenas a circulação orbital da informação digital, em que a última instância é o *bit* (0/1) —a menor unidade de impulso eletrônico. Troca-se a vigilância disciplinar nos distintos e episódicos espaços de confinamento por uma forma de submissão eletrônica independente dos lugares, em que apenas corpos-digitais se reconhecem. Já não há mais distinção entre vigilantes e vigiados. Ativos e passivos se emaranham na instantaneidade e reversibilidade dos fluxos informacionais nas redes eletrônico-digitais rizomáticas.

A Internet compõe-se de uma multiplicidade dispersa e aleatória de linhas e *nós* flexíveis. Por isso, o Rizoma Internet talvez seja a figura arquitetural dos procedimentos do controle, pois favorece que muitos e indeterminados controlem muitos e indeterminados remotamente. Dessa forma, não se tem mais o olhar centralizador e hierárquico da disciplina, mas uma multiplicidade de cérebros, dispersos, aleatórios, que não ressoam juntos e não convergem para um mesmo ponto central, mas que forma um corpo-sem-órgãos (DELEUZE & GUATTARI, 1996) – em que cada elemento não pára de variar e modificar sua distância em relação aos outros; um *Cybionte* (DE ROSNAY *apud* LEMOS, 1997) – uma entidade *cyborg* formada pelos neurônios humanos e as redes de circulação da informação digital; um Corpo-Rede (LEMOS, 1997) – um híbrido de corpo com rede, que não tem fronteiras claras entre a parte física e a parte rede.

A disciplina opera um controle minucioso das operações do corpo —concebido como um organismo distinto composto de órgãos—, colocando-o "numa maquinaria de poder que o esquadrinha, desarticula e o recompõe" (FOUCAULT, 2002: 119). O objetivo é a produção de corpos dóceis e exercitados. Dessa forma, os procedimentos da disciplina exercem uma coerção contínua e ininterrupta sobre os corpos afixados em distintos e episódicos espaços de confinamento. Mecanizam e rotinizam os movimentos, os gestos, as atitudes, visando obter maior eficácia e economia. Os indivíduos, através de exercícios, são treinados para diferentes tarefas a partir de sua repetição gradual e progressiva, de acordo com a série temporal em que está inserido. Dessa forma, a disciplina interessa-se, muito particularmente, por uma rotinização minuciosa das atividades dos corpos, de modo que o tempo da vida, conforme Foucault (1996), se torne tempo de trabalho, o tempo de trabalho se torne força de trabalho, e a força de trabalho se torne força produtiva.

No controle experimenta-se uma hiper-interatividade com os computadores e os bancos de dados, por meio da interconexão planetária nas redes eletrônico-digitais rizomáticas, em que informações digitalizadas são trocadas e distribuídas em volumes cada vez maiores, com total independência de lugares e culturas. Assim, a competência para adaptar-se a uma multiplicidade aleatória de conexões passa a compor os modos hegemônicos de pensar, ser e estar. Nas redes eletrônico-digitais rizomáticas tornamo-nos corpos-digitais —anistóricos e atemporais. Essa condição nos seduz, porque traz a promessa de libertação, ao menos virtualmente, de toda inibição ou restrição geográfica ou histórico-cultural. O corpo-digital é múltiplo, flexível, variante. É essencialmente informação, aberto a toda conexão possível. Assim como a tela, não deve reter nada, dobrando-se e redobrando-se continuamente diante da multiplicidade e aleatoriedade das linhas rizomáticas do espaço eletrônico-digital de fluxos informacionais. Porém, as possibilidades ilimitadas de pensar, ser e estar, ao mesmo tempo em que exercem considerável sedução, esvaem-se diante da abrangência